
Lembrar a roça, saber a cidade:

trocas simbólicas nos quintais de Ibirité, Minas Gerais, Brasil

Remembering the countryside, knowing the city:
symbolic exchanges in the gardens of Ibirité,
Minas Gerais, Brazil

Yan Víctor Leal da Silva¹

Emmanuel Duarte Almada²

Marcelo Lelles Romarco de Oliveira³

¹ Universidade Federal de Viçosa (UFV), Pós-Graduação em Extensão Rural.

² Universidade do Estado de Minas Gerais, Departamento de Ciências Biológicas, Unidade Ibirité.

³ Universidade Federal de Viçosa (UFV), Departamento de Economia Rural.

Minas Gerais (MG), Brasil.

yanvicctor@gmail.com; yan.silva@ufv.br; emmanuel.almada@uemg.br; marcelo.romarco@ufv.br

Resumo

Este artigo busca demonstrar que a memória, os saberes e as práticas que as pessoas possuem são conceitos chave para compreender a agrobiodiversidade em quintais urbanos. Por meio da história oral temática e anotações cuidadosas em diários de campo, entrevistamos 10 moradores de Ibirité, Região Metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais (MG), Brasil. Para além, dos processos ecossistêmicos mantidos pelos quintais, o trabalho encontrou elementos materiais e simbólicos que indicam que os afetos e crenças das pessoas são fundamentais para a configuração dos quintais em áreas urbanas. A discussão aqui lançada, compreende as fronteiras mais fluidas entre a roça e a cidade. As histórias orais contadas pelos entrevistados revelaram saberes, sentimentos e práticas acionados em áreas urbanas, mas que são oriundos de uma tradicionalidade rural. Outro fator pertinente registrado foi o papel das trocas simbólicas na manutenção da agrobiodiversidade em quintais.

PALAVRAS CHAVE: memória biocultural; sociobiodiversidade urbana; trajetórias de vida.

Abstract

This article aims to demonstrate that memory, knowledge and the practices that people develop are key concepts to understand agrobiodiversity in urban gardens. Through the thematic oral history and careful notes in field journals, 10 residents in Ibirité, Metropolitan Region of Belo Horizonte –Minas Gerais (MG), Brazil– were interviewed. In addition to the ecosystem services provided by urban gardens, the research detected material and symbolic elements that indicate that people's feelings and beliefs are fundamental to the configuration of gardens in urban areas. The discussion started in this work, comprehends the borders between the countryside and city more fluidly. The oral stories told by the interviewees revealed knowledge, feelings and practices applied in urban areas but coming from a rural tradition. Another pertinent factor recorded was the role of symbolic exchanges in the maintenance of agrobiodiversity in urban gardens.

KEY WORDS: biocultural memory; socio-urban biodiversity; life trajectories.

1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo ressaltar aspectos sociais presentes no manejo da agrobiodiversidade¹ em quintais urbanos. Para tanto, apontaremos alguns elementos fundamentais para compreender a relação ser humano/quintais, que têm sido desconsiderados em abordagens com foco no objeto de pesquisa aqui tratado. O pressuposto do estudo é que a memória, os saberes e as práticas das pessoas que cultivam os quintais são conceitos chave para compreender a agrobiodiversidade desses lugares. Para além da produção agrícola, salienta-se a relevância de compreender sentimentos, conhecimentos e cosmologias presentes nas motivações que permeiam a manutenção dos quintais (Silva *et al.*, 2016), bem como as trocas de plantas e saberes que formam um circuito social constituindo práticas culturais, vínculos e sociabilidades inseparáveis do manejo e conservação da agrobiodiversidade (Weitzman, 2015).

Por se tratar de um tema ainda pouco investigado no Brasil, é considerável o interesse que os quintais vêm despertando em diversos campos do conhecimento, recebendo a atenção de setores políticos e da academia, principalmente aqueles ligados a temática da agroecologia e da agricultura urbana. Nas cidades, onde aparentemente as técnicas materializadas em prédios, asfalto e concreto parecem dominar a natureza, os quintais representam ecossistemas complexos funcionando como ilhas ecológicas guardando a biodiversidade (Althaus-Ottmann *et al.*, 2011; Carniello *et al.*, 2010; Eichenberg *et al.*, 2009; Novais *et al.*, 2011). Os quintais são também lugares que as pessoas utilizam para encontros, conversas, experimentações e brincadeiras. Para alguns grupos e coletivos urbanos os quintais são utilizados com a finalidade de acessar plantas medicinais, para a criação de estratégias de promoção de saúde popular e a utilização de ramos para rezas e benzeções (Silva *et al.*, 2017).

No Dicionário Aurélio a palavra quintal é definida como “*pequena quinta, ou pequeno terreno, muitas vezes com jardim ou com horta, atrás da casa*” (Silva, 2004: 65). A palavra quintal, assim, está associada etimologicamente a uma produção agrícola. O Dicionário da Religiosidade Popular (Poel, 2013), de Frei Chico, demonstra que em algumas regiões de Minas Gerais é comum nomear os quintais como terrêros. O que indica que os quintais têm lugar na vida familiar com espaço para assar biscoitos, colher e espalhar o café, sendo também um lugar das festas do povo. Nas relações estabelecidas com os quintais pelas diversas culturas, temos também valores, costumes e hábitos oriundos de áreas rurais, mas que são ressignificados no fluxo entre a roça e a cidade.

Nesse trabalho, entendemos o quintal como “*a área em torno das residências, sejam elas rurais ou urbanas, que se encontram imediatamente ao redor da casa, prestando-se a diversas atividades da vida cotidiana, destacando-se o cultivo de espécies vegetais e criação de animais.*” (Almada e Souza, 2017: 6). Nessa definição, diferenciamos os quintais em relação a hortas e jardins, embora estes também possam compor a estrutura desses espaços. Há uma grande variação da nomenclatura acadêmica para se referir aos quintais. Na literatura acadêmica internacional *homegardens* são empregados pela literatura inglesa (Kumar e Nair, 2006), e na literatura hispânica os quintais são traduzidos como *huertos* e *pátios* (Almada e Souza, 2017; Contreras, 2017).

Paralelamente à diversidade terminológica dos quintais, à medida que se avança na história, temos também uma diversidade de modos de apropriação, cuidados e cultivos desses lugares. Historicamente os quintais brasileiros também são fruto de cruzamentos entre culturas, com espécies vegetais, costumes e crenças trazidas pelos portugueses e misturadas nas etnias indígenas e africanas (Dourado, 2004; Gomes, 2009). Nas ci-

dades coloniais, o sistema institucional de acesso à terra urbana considera a terra como objeto de concessão e não como algo a ser vendido. Nesse sistema, o conjunto do lote (casa e quintal) atribuía ênfase na parte frontal do terreno (onde ficava a casa e se tinha acesso à rua), deixando velada a parte dos fundos onde se localizavam os quintais (Loureiro, 2012; Silva, 2004). Nesse período, os quintais se configuravam em terrenos estreitos e profundos com espaço no fundo conformando lugares privados.

Em 1850, o antigo regime de concessão da terra foi substituído pela lei que institui a propriedade privada (a Lei de Terras, Decreto 1.318, de 1854). Os bairros passam a ser loteados e vendidos por meio de uma operação mercantil-industrial. Nas residências destinadas às classes dominantes aparecem mudanças na arquitetura. O recuo em relação à via pública é valorizado, os jardins passam a ser visíveis aos olhos da rua e a cozinha no quintal funde-se com a sala de banho, formando o banheiro da casa (Silva, 2004). As mudanças e transformações na transição do século XIX para o século XX tornam os quintais mais impermeabilizados e com área cada vez mais reduzida.

Esses fatores trouxeram implicações diretas para a geografia dos quintais. Porém, mesmo os quintais funcionando como espaços velados e não acessível ao olhar público, sendo constantemente invisíveis nos relatos urbanos de tempos passados, a historiografia demonstra que a presença e a utilização dos quintais pelas pessoas, com suas simbologias, constituem uma peculiaridade da morada brasileira (Silva, 2004; Dourado, 2004). A presença singular dos quintais nas diversas mudanças por que passa a morada brasileira revela a pertinência desses lugares para entender um período histórico (Meneses, 2015).

Dentre o leque de questões suscitadas pelos quintais, optamos por trabalhar com uma dimensão pouco investigada. Trata-se das trajetórias de vida

e das trocas simbólicas marcadas por processos históricos e socioculturais de constituição desses territórios. Para desenvolver essa dimensão olvidada, caminharemos a partir do que propõem Toledo e Barrera-Bassols (2015). Sob a perspectiva desses autores, a memória é compreendida como um elo entre processos biológicos e culturais que se expressam na diversidade de genes, línguas e sabedorias, aportada individual e coletivamente pelas pessoas em uma escala que une espaços e tempos. Portanto, nas práticas de cultivo dos quintais se encontram expressões das trajetórias de vidas advindas de diversos tempos, lugares e momentos experimentados pelas pessoas.

É na memória, nos saberes e práticas das pessoas que os quintais são revelados como *locus* pertinentes de investigação. É nos quintais que encontramos vidas humanas e não-humanas trazidas das diversas partes do mundo sendo trocadas material e imaterialmente com sentimentos, afetos e simbolismos (Gomes, 2009; Mauss, 2003). E são também esses lugares que representam um saudosismo de tempos vividos na roça sendo cotidianamente recriados no espaço híbrido e moderno das cidades. Justamente nesse ponto, reside a motivação teórico-metodológica do trabalho, qual seja, a de demonstrar como a história oral contada pelas pessoas, seus sentimentos e crenças, saberes e práticas estão associados aos quintais urbanos, constituindo um movimento que está para além da dicotomia entre a roça e a cidade, questionando como a roça presente nas cidades é atualizada nos quintais como lugar da memória biocultural (Toledo e Barrera-Bassols, 2015; Weitzman, 2015).

2. Metodologia

2.1 Área de estudo

A cidade de Ibirité (MG), onde se realizou a pesquisa, faz parte das 34 cidades que compõem a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Além disso, Ibirité compõe um conjunto de cidades, o chamado colar metropolitano, que conservam práticas de horticultura e agricultura familiar (Simões e Oliveira, 2009). Essas práticas favorecem significativamente a circulação de alimentos em toda a RMBH. Em uma região de transição entre os biomas Cerrado e Mata Atlântica, o município abarca uma população estimada pelo IBGE em (2017), de 177.475 habitantes.

Mesmo diante de um processo vertiginoso de expansão urbana na RMBH, que guarda suas contradições, Ibirité demonstra uma convivência complementar entre atividades e serviços rurais e urbanos (Tubaldine e Rodrigues, 2001). Embora a crescente urbanização e a tomada das áreas de moradia pelo capital financeiro causem mudanças, trazendo “alterações no solo, substituindo e reduzindo às áreas de finalidades agrícolas” (Simões e Oliveira, 2009: 55), a cidade não deixa de expressar ruralidades em um espaço que estão fluídas as fronteiras entre o rural e o urbano.

A pesquisa foi realizada nos bairros Jardim Rosário e Jaçanã, ambos da cidade de Ibirité (MG). A escolha destes bairros justifica-se pelo fato de representarem regiões com formas de uso e apropriação do espaço claramente distintas e a maioria das pessoas que ali residem procedem de áreas rurais. Os dois bairros apresentam diferentes graus de urbanização, sendo o bairro Jardim Rosário composto por lotes relativamente grandes, em sua maioria com mais de 500 m². Em contraste, o bairro Jaçanã apresenta maior adensamento urbano, com lotes pequenos e maior grau de impermeabilização do terreno.

Em um primeiro momento, desenvolvemos um trabalho nos dois bairros, no período de novembro

de 2013 a dezembro de 2015. Esse trabalho intitulado ‘Agrobiodiversidade Urbana’, fez o levantamento etnobotânico e biofísico de 105 quintais dos bairros Jardim Rosário e Jaçanã, correspondendo a 10% das casas nos bairros. A partir dessa primeira pesquisa, identificamos moradores que migraram de áreas rurais e que detinham quintais que se destacavam pela elevada diversidade de plantas com uso agrícola e medicinal, como informantes-chave. Esses dois critérios, somados a disponibilidade e interesse de cada pessoa em participar da pesquisa resultaram em dez entrevistas baseadas em história oral temática.

2.2 Coleta e análise dos dados

Esse trabalho orientou-se pelos pressupostos teóricos do método de análise qualitativa. Para compreensão das memórias, saberes e práticas desempenhadas pelas pessoas ao se relacionarem com os quintais, utilizamos o instrumento metodológico história oral temática, entendida como uma subcategoria do método história de vida (Meihy e Ribeiro, 2011). A história oral temática adota roteiros em sua condução para delimitar os temas a serem abordados durante as entrevistas (Thompson, 1992).

Dessa forma, realizamos dez entrevistas de história oral temática. Durante essas entrevistas, os atores da pesquisa contaram parte de sua história de vida, e foram feitas algumas perguntas sobre a trajetória dos mesmos, que se inicia na roça em um movimento migratório para as cidades. Essas histórias orais temáticas foram conversas gravadas e realizadas nos quintais dos entrevistados (Macedo, 2010). Em seguida, foram transcritas, analisadas e interpretadas a partir de bibliografia pertinente, sendo fiel ao depoimento dos atores (Becker, 1993). Durante as transcrições tivemos o cuidado minucioso de integrar a totalidade oral da fala desses atores, gerando um rico material bibliográfico de 171 laudas.

Por meio dos depoimentos foram registrados fatores como trajetórias de vida; saberes e práticas; rede de relacionamentos entre ser humano/ser humano, ser humano/vegetal; construção dos saberes ecológicos e sua circulação. Somou-se a isso a descrição minuciosa dos sentimentos e crenças sobre o manejo e emprego das espécies cultivadas, ou seja, um conjunto de informações e experiências que sinalizam a pluralidade de significados construídos e transmitidos no cotidiano dos quintais.

A análise consistiu em um agrupamento categórico dos depoimentos, bem como cruzamento de dados transcritos com impressões e indagações registradas no diário de campo (Macedo, 2010; Campos, 2002). A partir do agrupamento categórico desses depoimentos elegemos duas categorias de análise a serem apresentadas nesse artigo. A primeira delas é ligada às trocas simbólicas e sociabilidades marcadas pelo deslocamento da experiência da roça para a cidade. A segunda categoria trata-se dos significados e crenças relacionados às plantas cultivadas nas práticas e ações realizadas no cotidiano dos quintais.

3. Resultados e discussão

3.1 Trocas simbólicas marcadas pelo deslocamento entre a roça e a cidade

Os dez atores sociais entrevistados têm idade entre 41 e 76 anos, sendo que sete deles passaram por um processo de migração a partir de zonas rurais até a cidade de Ibirité (MG). No desdobramento do trabalho foi observado e registrado que os atores possuem um expressivo saber ecológico de manejo dos quintais. Em termos gerais, podemos compilar estes saberes em saberes ecológicos específicos, associados a fases lunares, plantas de proteção, épocas de plantio, plantas medicinais e hortaliças tradicionais. O saber ecológico

registrado consiste na articulação de elementos oriundos do campo e transportados para a vida na cidade (Gomes, 2009).

Nesse sentido, os entrevistados indicaram que, ao migrar, além do desejo de melhores condições de vida, eles trazem para a vida nas cidades elementos materiais e simbólicos, experiências e vivências indissociáveis da configuração de seus quintais (Gomes, 2009). Desta forma, podemos interpretar os quintais como a expressão de uma identidade territorial trazida nessa migração da roça para as cidades (Haesbaert, 1999). Nesse movimento de saída do campo para cidade, os quintais revelam a ruptura com a dicotomia rural/urbano, pois demarcam territorialidades rurais nos lugares periféricos da malha urbana, servindo não apenas como espaço que dá acesso ao alimento, mas como lugar de uma inter-relação da memória de tempos passados com a invenção dos cotidianos no tempo presente (Certeau, 1990).

Uma chave de leitura para compreensão da noção de territorialização dos quintais é a que Weitzman (2015) interpretou como circuito social. A autora mostra que as sementes, plantas, mudas e objetos advindos do deslocamento entre rural e urbano são também catalisadores de vínculos sociais. Não é o rural fixo e cristalizado que determina os processos identitários, pois o trânsito rural-urbano aciona lembranças envolvidas em um fluxo contínuo de idas e voltas abrangendo temporalidades diversas (Weitzman, 2015). O plantio dos quintais urbanos, nessa perspectiva, não representa apenas um meio alimentar, mas cumpre a função de produção e manutenção de sociabilidades.

As entrevistas de história oral temática realizada com os dez atores que participaram da pesquisa evidenciam que nas trocas de plantas e partilha de saberes sobre as plantas, realizadas com vizinhos, os quintais possibilitam a formação de um circuito social, constituído de trocas materiais e simbólicas no cotidiano dos sujeitos de Ibirité

(Weitzman, 2015). E são através dessas trocas que os moradores recriam e reatualizam os vínculos entre a roça e a cidade (Toledo e Barrera-Bassols, 2015; Weitzman, 2015). Os depoimentos e as memórias sobre processos de migrações de plantas e saberes são fatores que potencializam as diversas relações de manejo da agrobiodiversidade nos espaços dos quintais.

As diversas relações nos quintais podem ser entre humanos e/ou entre humanos e não-humanos, revelando que os saberes associados a essas trocas de plantas compreendem a dicotomia entre natureza e cultura de forma mais fluída. Como sugere o antropólogo Bruno Latour (2008), o social não se apresenta de forma segmentada, e sim como movimento e associações em rede entre elementos heterogêneos. O conceito de social não deve encerrar as relações, mas potencializá-las. Ao reunir novos elementos não-humanos, como objetos, animais e plantas nas redes de relações, o autor indica a importância da mediação desses elementos 'não-sociais' para a construção de ideias, saberes e práticas. Assim, a teoria do ator-rede de Bruno Latour (2008) nos instiga a não se atentar apenas aos elementos humanos presentes nas memórias, saberes e narrativas, mas também à ação no mundo que é conferida aos elementos não-humanos.

Desse modo, compreender as redes de relações históricas e ecológicas entre humanos e plantas em quintais urbanos a partir da trajetória de vida dos atores implica em um ponto central a existência coletiva das trocas simbólicas que atualizam os saberes. Estamos chamando de trocas simbólicas, pois a circulação da riqueza de espécies vegetais entre os moradores que cultivam os quintais urbanos de Ibirité não se reduz apenas à troca material de mudas e sementes. Ela revela, em si, a presença de atores externos humanos e não-humanos, materiais e imateriais. Ao compartilhar uma espécie, o outro leva mais do que a planta, leva também os saberes, memórias e afetos. Trata-se de saberes

que serão a base para a configuração do espaço dos quintais, em um processo de ressignificação de conhecimentos e práticas ligadas às plantas com finalidades alimentícias e medicinais (Latour, 2013; Toledo e Barrera-Bassols, 2015).

Na obra intitulada 'Ensaio Sobre a Dádiva', Marcel Mauss (2003) demonstra como as trocas fazem parte da economia das sociedades primitivas. Mas, não apenas isso, Mauss avança rompendo com o determinismo econômico realçando a dimensão simbólica. Nas interpretações do autor (2003: 190-191): *"Ademais, o que eles trocam não são exclusivamente bens e riquezas, bens móveis e imóveis coisas úteis economicamente. São, antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras dos quais o mercado é um só dos momentos, e nos quais a circulação de riqueza não é só um dos termos de um contrato bem mais geral e bem mais permanente."*

Mesmo que as considerações acima sejam feitas no contexto das sociedades primitivas, as interpretações de Mauss possibilitam o entendimento de que não trocamos apenas por uma racionalidade instrumental. Para além da materialidade dos bens, as trocas revelam também elementos imateriais, que a nosso ver, estão no plano do simbólico. Quer dizer, não consumimos pela racionalidade utilitária apenas, mas também por uma racionalidade simbólica (Sahlins, 2003).

Esse debate, a nosso ver, e de forma aqui resumida, guarda algumas questões chave, a saber: como operacionalizar a teoria da dádiva de Mauss (2003) nas sociedades ditas complexas? De forma mais específica, como operacionalizar a tríade dar-receber-retribuir, inseparável da teoria da dádiva, na realidade empírica dos quintais? Para responder essas duas questões utilizaremos alguns depoimentos coletados em campo. No depoimento do Seu Ivan, nascido e criado no interior de Mantena (MG), percebe-se que as trocas de plantas com vizinhos estão marcadas por memórias e simbo-

lismo, como se pode ver no trecho transcrito: “(Y) *E como que o senhor ficou sabendo que a panaceia era boa pra combater? (I) Através da própria irmã do meu padrasto. Ela veio de Vitória ver ele - porque ele ia morrer segundo o médico - veio ver e ela falou assim: e eu tinha plantado uns pé de taioba na horta. Eu falei assim, ô tia eu tô tão triste. Eu plantei esses pé de taioba aqui pro pai, que ele gosta muito. Ela virou pra meu lado assim e falou: não meu filho, não desanima não. Cê tem fé? Falei assim, tenho. Então ele pode comer muitas e muitas vez dessa taioba que ocê plantou aí. Ele já comeu dela a terceira vez já, entendeu? Ai ela foi e falou assim: aqui tem panaceia? Eu falei tem! (Y) No quintal do senhor aqui? (I) No meu quintal não tem não, no quintal do vizinho tem. Ai ela pegou e falou comigo. E eu fui lá no vizinho, vizinho falou que tinha. Eu trouxe o chá e dei ele tá. E de vez enquanto a gente repete o chá pra ele de panaceia, e também de transagem, que é um antibiótico também que é muito bom, entendeu?” (Grifos nossos). (Y) Yan (I) Seu Ivan. Ibirité, 21 de agosto de 2015.*

A ida de Seu Ivan ao quintal do vizinho foi motivada pelo desejo de ajudar seu padrinho através do chá feito da panaceia. Essa motivação não se dá pelo papel material que a planta exerce, no sentido de permitir a cura de seu padrinho. Essa planta, para Seu Ivan, guarda um significado que não pode ser instrumentalizado como mero objeto. Em outro depoimento, comentando sobre o papel das plantas em sua vida, Seu Ivan nos diz que não esquece dessas plantas, dado o grau de importância que elas passam a ter em sua vida; nas palavras do ator: “Conheço... bato o olho na hora, cê ta é doido, como eu conheço, esqueço nunca! Eu já bato o olho e conheço. Essa planta me ajudou, entendeu?” De forma mais abrangente, o depoimento de Seu Ivan chama atenção para fatores culturais e simbólicos que estão presentes no manejo, circulação de plantas e saberes nos quintais de Ibirité (MG).

O depoimento de Seu Ivan também é construído baseando-se em um conjunto de relações de fatores humanos e não-humanos, sendo as plantas taioba (*Xanthosoma spp*) e panaceia (*Solanum cernuum*) catalizadoras de sociabilidades (Weitzman, 2015). Em um diálogo com a irmã do seu padrasto, Seu Ivan diz que trocou experiências e que trouxe com a planta o saber sobre a planta. No caso em específico, vemos que o saber ecológico percorre uma trajetória com a participação de vários atores externos: a madrinha, o vizinho, e a planta. Trata-se, de um conjunto de atores envolvidos em um diálogo que abarca troca de planta, saberes e simbolismos (Latour, 2008; Gomes, 2009).

Em que pese o papel de fatores imateriais para a manutenção dos quintais, Silva *et al.*, (2016), em suas análises demonstraram que a agrobiodiversidade está ligada a fatores culturais, econômicos e ao prazer de plantar. Os autores também enfatizam que os quintais potencializam a busca pelo direito humano à alimentação em áreas urbanas, demandando a garantia de outros direitos como o bem-viver e a participação política no exercício da cidadania, sendo estes indissociáveis da construção de uma soberania alimentar (Carneiro *et al.*, 2013; Oaklei, 2004; Silva *et al.*, 2016). A partir das contribuições desses autores, somada ao depoimento do Seu Ivan, percebemos que fatores como a fé contribuem na concretização das trocas simbólicas e no modo como as pessoas se alimentam. Na fala de seu Ivan: “Ela virou pra meu lado assim e falou: não meu filho, não desanima não. Cê tem fé? Falei assim, tenho. [...] Ele já comeu dela a terceira vez já” (se refere ao padrasto que comeu da taioba). Percebe-se na explicação de Seu Ivan que a fé funciona simbolicamente ligando a planta a uma dimensão imaterial.

As dimensões material e simbólica que caracterizam as trocas dos quintais são carregadas com os entrevistados da roça para a cidade em um fluxo constante (Gomes, 2009; Weitzman,

2015). Esses elementos simbólicos revelados nas trocas são também a base de configuração de seus quintais e de reconstituição de seus modos de vida nas cidades. A relação do ser humano com o princípio ativo de plantas, que é descrita em trabalhos realizados com comunidades rurais e tradicionais, devem também ganhar atenção nas pessoas que cultivam quintais em áreas urbanas (Almada, 2010; Pereira e Gomes, 2002). É por meio do aprendizado obtido na roça que essas pessoas guardam em si saberes e práticas que atravessam fronteiras, recriando, assim, a vida nas periferias da cidade. Como demonstra a fala de Dona Ivanilde ao se reportar ao cotidiano da vida na roça: “*Aí ele falava comigo. Eu guardava, eu não escrevia. Eu guardava na minha memória*”.

3.2 Os ritos que envolvem as trocas simbólicas nos quintais

Os quintais brasileiros guardam uma importância na constituição das cidades, abrigando historicamente as chamadas ‘cozinhas sujas’, que as pessoas utilizavam para cozinhar alimentos mais demorados e que demandam mais calor (Silva, 2004). No período colonial, o alojamento dos escravos também se dava no quintal (Dourado, 2004). A história dos quintais no Brasil demonstra que esses territórios são fundamentais para a compreensão da natureza do espaço das cidades, mas que foram historicamente velados, longe da vista dos viajantes estrangeiros, que, nesses tempos, faziam relatos do meio urbano (Silva, 2004).

A nosso ver, esse espaço velado dos quintais cumpre também uma função social. Para sustentar esse argumento, acionaremos a interpretação de Hubert e Mauss (2003) sobre o rito mágico. Em um contexto que se tinha poucos estudos sobre a magia demonstraram como os atos mágicos se repetem, se recriam e estabelecem diferenças com o rito religioso. Os ritos mágicos se diferenciam do rito religioso por que este é feito em público

à luz do dia, e já o mágico é realizado de “*forma velada no bosque longe das habitações*” (Hubert e Mauss, 2003: 60).

As contribuições de Hubert e Mauss (2003) ajudam a compreender essa invisibilidade dos quintais. De um lado, ela é fruto de uma lacuna historiográfica que desconsidera a relevância desses territórios para a constituição do espaço das cidades (Silva, 2004). Essa desconsideração também é epistêmica, porque a modernidade é engendrada em teorias que olvidam saberes, práticas e experiência julgados como marginais e periféricos, tidos como rivais (Santos e Meneses, 2009). De outro lado, e gostaríamos aqui de ressaltar esse ponto, essa invisibilidade cumpre uma função social, na medida em que os quintais são também territórios que abarcam as plantas medicinais, muitas delas de usos diversos, servindo para curas, simpatias e benzeções (Silva *et al.*, 2017). Essa interpretação reverbera as contribuições teóricas de Hubert e Mauss (2003), porque o saber fazer sobre plantas medicinais, curas e promoção da saúde popular se dá no lugar velado e escondido historicamente.

É no lugar velado e escondido dos quintais que o samba nasceu no início do século XX como resposta à coerção do Estado (Almada e Souza, 2017). São também em lugares invisíveis dos quintais e terreiros que se guardam as plantas para rituais de Umbanda e no Candomblé (Pereira e Gomes, 2002). As relações de cura e simbolismos realizadas nos quintais das periferias são marcos da memória e da experiência dos sujeitos durante suas trajetórias de vida que estão para além das fronteiras territoriais. Como analisado por Gomes (2009), são os usos míticos e simbólicos das plantas em quintais de vilas e favelas ecos da cultura Nagô e Banto, de Candomblé e Quilombos, em diferentes territorialidades (Gomes, 2009).

O significado que as plantas ocupam para as pessoas no espaço velado dos quintais assume um grau de importância que constrói associações

e vínculos (Latour, 2008). Reafirmando o lugar mágico que os quintais têm para o imaginário popular, vejamos essa constatação nos depoimentos abaixo: “(P) *Cê sabe que conversar com as planta é bom, né! Ela se desenvolve melhor. (Y) É, minha avó fala mesmo. (M) É tipo uma terapia também né. (P) Porque a planta é um ser vivo né! Ela se alimenta ali de água, do ar do oxigênio né, tudo mais. Ela tem uma sensibilidade que se você conversar com ela, te responde ali se desenvolvendo ficando bonita. (C) É verdade. (P) Que a planta não exige nada da gente do que água, terra e cuidado né. (Y) Sim, sim” (Grifos nossos). (M) Marco Porfírio e sua esposa (P) Patrícia (Y) Yan. Ibirité, 28 de agosto de 2015.*

“(I) *Ah, é importante muitas coisas, porque a planta é um ser vivo. Você pode estar estressado e nervoso, você chega e conversa com uma planta, ela te escuta. Pessoas acha que a gente é doido, ela balança pro cê. Ai aquelas coisa pesada negativa fica tudo. Então te ajuda muito. Pessoa que tem uma planta em casa ela tá triste, abafada, conversa com as planta assim, chega na natureza assim, e começa a conversar, muito importante um ser vivo.” (Grifos nossos). (I) Dona Ivanilde. Ibirité, 14 de setembro de 2015.*

As relações entre o humano e o não-humano - ou se preferirmos, natureza e cultura - no espaço dos quintais, são mais fluidas, concedendo espaços para a elaboração de diálogos que dão sentido à aprendizagem das pessoas. Os depoimentos de Marco Porfírio e Dona Ivanilde evidenciam a compreensão das plantas como ser vivo. O trabalho conduzido por Cardoso e Campos (2017) no entorno do Monte Pascoal, Sul da Bahia, com o povo Pataxó também traz depoimentos que reiteram a noção das plantas ou, se preferirmos, da natureza como um conjunto de seres. Para a etnia Pataxó os quintais são lugares de cuidados entre parentes e entre pessoas e plantas, também entendidos como parentes. Desta maneira, os quintais são espaços das relações de encontro onde não existe hierarquia do saber (Santos e

Meneses, 2009), ou entre os seres humanos e os não-humanos (Ingold, 2012).

A fala de Dona Ivanilde, no depoimento acima, enfatiza a dimensão simbólica nessa relação cooperada com os quintais. O ato de cultivar plantas no território velado dos quintais se faz em diálogo com a planta. Essas espécies vegetais para Dona Ivanilde têm uma dimensão imaterial, contribuindo para afastar as “*coisas pesadas e negativas*”. A interpretação de Dona Ivanilde sinaliza que as relações entre ser humano/planta estão realçadas de simbolismos, indicando que o social não se apresenta de forma segmentada, mas em rede de associações entre elementos humanos e não/humanos potencializando as relações (Latour, 2008). Além disso, muitas plantas fazem parte do sistema de mediação das relações culturais e religiosas de muitos grupos humanos. Desta maneira, para muitas culturas, as plantas, assim como os animais, podem ocupar a categoria de pessoas não-humanas (Viveiros de Castro, 2002).

Outro atributo peculiar reside no fato do saber ecológico ser fruto da realidade sociocultural dos atores que constroem essa agrobiodiversidade nos quintais de Ibirité (MG). Como salientado no início, as trocas simbólicas e cognitivas constituem as bases para a configuração dos quintais e também manutenção da agrobiodiversidade nesses territórios. Os depoimentos de Dona Maria, nascida no Serro de Minas, e Dona Irma, nascida em Ibirité, corroboram nossa afirmação. Segundo as valiosas reflexões das agricultoras urbanas: “(M) *Tem isso, tem mais é muita gente que pega muda de couve aqui, muda de cebola. Pede muda de couve, muda de cebola pé de chuchu grelado pra levar e plantar. Pé de muda de remédio tem um aí que é direto. Leva muda de chá também, pra plantar. Quando eu não tenho a muda às vezes tenho uma semente, pego uma pitada de semente e dou pra eles levar planta lá que é melhor ter em casa” (Grifos nossos). (M) Dona Maria. Ibirité, 25 de agosto de 2015.*

“(Y) É...e essas muda de banana, como é que a senhora conseguiu elas na época, pra plantar no quintal da senhora aqui? (I) **Os outros dava pra ele, os vizim dava pra ele,** (Y) Ah as pessoa dava pra ele. (I) E ele plantava ai, ele pedia também (risos). (Y) Hum.(Y) E conseguia com os vizinho? (I) Isso mesmo, os vizinho era muito boa pessoa, ele encheu o quintal. Tem pé de manga também, pé de limão, mas mais que tinha era banana.” (Grifos nossos). (I) Dona Irma (Y) Yan. Ibirité, 20 de agosto de 2015.

O depoimento de Dona Maria indica que as trocas não se resumem a uma racionalidade utilitária e monetária, por vezes expressa na relação de doar e receber a planta em sua materialidade. Nesse depoimento, as espécies vegetais não têm valor monetário de troca. Em uma racionalidade simbólica, como interpretado por Mauss (2003), trata-se de trocas que são constitutivas de saberes, relações sociais e experiências. Esses fatores são fundamentais para a configuração dos quintais e a manutenção da agrobiodiversidade urbana. Quando Dona Maria fala do “*pé de muda de remédio*”, já está embutido em sua oralidade um saber sobre a planta. O saber é trocado, partilhado e acionado de tempos anteriores nas conversas durante a caminhada nos territórios dos quintais.

A despeito das trocas simbólicas realizadas nos quintais urbanos de Ibirité, os depoimentos de Dona Maria e Dona Irma chamam atenção ao papel dos vizinhos servindo de aporte para conseguir mudas, sementes e saberes. Mesmo no contexto urbano onde o tempo é definido pelas técnicas e pelas máquinas (Santos, 2008), os quintais são expressões de trajetórias de vida marcadas pelas campesinidades que mobilizam ações e trocas e mesclam espaços e tempos (Weitzman, 2015). Trata-se da memória biocultural dos atores que cultivam os quintais. Essa memória abarca lembranças que recriam os fluxos da experiência vivida para além do rural e do urbano.

4. Considerações finais

Esse trabalho evidenciou que para se compreender a agrobiodiversidade de quintais é preciso considerar também as memórias, saberes e práticas, bem como os sentimentos e crenças das pessoas que cultivam esses lugares. O artigo mostrou que as trocas que envolvem os quintais urbanos não se resumem a uma dimensão material, tratando-se também de partilhas simbólicas indissociáveis do manejo cotidiano da agrobiodiversidade nesses lugares. Para além de uma racionalidade eminentemente utilitária, os quintais guardam uma miríade de elementos cognitivos, simbólicos e afetivos, que são bases para a reconstituição dos modos de plantar e viver das pessoas que reatualizam e ressignificam os fluxos entre a roça e a cidade (Toledo e Barrera-Bassols, 2015; Weitzman, 2015).

O estudo realizou a categorização das histórias orais contadas pelos atores sociais em campo, bem como sua interpretação a partir da bibliografia pertinente (Mauss, 2003; Toledo e Barrera-Bassols, 2015; Weitzman, 2015). Esses depoimentos interpretados a partir da bibliografia nos permitiu a posição teórica que compreendeu de forma fluida os deslocamentos entre rural e urbano, questionando também a dicotomia entre natureza-cultura (Almada, 2010; García-Júnior, 1989). Sendo também definitivo para elaboramos uma argumentação que indicou a diversidade de significados que as plantas assumem para as pessoas, evidenciando como os quintais se configuram como catalisadores de sociabilidades, memórias, saberes e simbolismos nas trocas de plantas (Latour, 2013; Mauss, 2003; Weitzman, 2015).

A noção reflexiva dos quintais como lugares velados (Silva, 2004), permeados de plantas medicinais, articulada com a compreensão do rito mágico de Hubert e Mauss (2003), potencializa a dimensão biocultural dos quintais. É a partir da fé e do saber fazer que as plantas presentes na alimentação assumem papel importante para os

quintais e para o cotidiano da vida das pessoas. As experimentações, histórias e saberes herdados pelos entrevistados de áreas e tempos rurais são ressignificados no espaço urbano. Em um ato de subversão desse tempo urbano da produção e do consumo, os arranjos e significados das plantas em quintais situam-se além do rural e do urbano, ao mesmo tempo em que questionam a hierarquia entre os humanos e não-humanos (Ingold, 2012; Latour, 2008).

Sob a nossa perspectiva, as cidades e as grandes metrópoles guardam também parteiras e benzeadeiras com memórias, saberes e práticas tornados invisíveis pelo discurso hegemônico (Pereira e Gomes, 2002; Santos e Meneses, 2009). Talvez sejam os quintais um dos poucos lugares que essas mulheres e homens cultivam suas plantas para rezas e trocas simbólicas. Os quintais urbanos

são lugares em que plantas, animais, humanos e sobre-humanos, acionando afetos e memórias, (re)produzem outros mundos de vida, entre a roça e a cidade.

5. Agradecimentos

Agradecemos de forma especial, à comunidade dos bairros Jardim Rosário e Jaçanã de Ibirité (MG) pela disponibilidade e atenção na construção da pesquisa. Esse artigo é resultado do trabalho coletivo construído por professores e estudantes do Kaipora - Laboratório de Estudos Bioculturais da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG-Unidade Ibirité). Para realização da pesquisa tivemos o apoio dos editais PAPq - UEMG (2014-2016) que viabilizaram o estudo.

6. Notas finais

Salientamos que a pesquisa desenvolvida foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais, sob o registro 48366015.1.0000.5525. Para todos os entrevistados foi fornecido um Termo de Consentimento Livre Esclarecido, cuja concordância foi registrada por meio de assinatura ou verbalmente.

- 1 O conceito de biodiversidade pode ser entendido como a diversidade dos organismos vivos da natureza de todos os sistemas ecológicos. A biodiversidade é uma parte da agrobiodiversidade, porque além da totalidade dos sistemas vivos da natureza, ela considera a diversidade agrícola dos sistemas agroalimentares. Como ressaltado por Toledo e Barrera-Bassols, (2015), essa agrobiodiversidade biológica é indissociável da diversidade cultural, pois são os povos tradicionais, camponeses e agricultores, como demonstra os autores, que historicamente manejaram e salvaguardaram essa agrobiodiversidade.

7. Referências citadas

- ALMADA, E. D. e M. O. SOUZA. 2017. "Quintais como patrimônio biocultural". En: E. D. ALMADA e M. O. SOUZA, (orgs). *Quintais: memória, resistência e patrimônio biocultural*. pp. 3-14. EdUEMG, Universidade do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, Brasil.
- ALMADA, E. D. 2010. "Sociobiodiversidade urbana: por uma etnoecologia das cidades". En: U. P. ALBUQUERQUE (org.). *Atualidade em Etnobiologia e Etnoecologia*. pp. 1-25. NUPEA/ Sociedade de Etnobiologia e Etnoecologia. São Paulo, Brasil.

- ALTHAUS-OTTMANN, M. M.; CRUZ, M. J. R. e N. N. FONTE. 2011. "Diversidade e uso das plantas cultivadas nos quintais do bairro Fanny, Curitiba, PR, Brasil". *Revista Brasileira de Biociências*, 9 (1): 39-49. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/view/1646/997>. [Consulta: novembro, 2017].
- BECKER, H. S. 1993. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. Hucitec. São Paulo, Brasil.
- CAMPOS, M. D. O. 2002. Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas. *I Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste*. pp. 47-91. São Paulo, Brasil. (29-30 de novembro).
- CARDOSO, T. M. e M. A. A. CAMPOS. 2017. "Quintais pataxó: lugares de reXistência". En: E. D. ALMADA e M. O. SOUZA, (orgs). *Quintais: memória, resistência e patrimônio biocultural*. pp. 3-14. EdUEMG, Universidade do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, Brasil.
- CARNEIRO, M. G. R.; CAMURÇA, A. M.; ESMERALDO, G. G. S. L e N. R. SOUSA. 2013. "Quintais produtivos: contribuição à segurança alimentar e ao desenvolvimento sustentável local na perspectiva da agricultura familiar". *Rev. Brasileira de Agroecologia*, 8(2): 135-147.
- CARNIELLO, M. A.; SILVA, R. S.; CRUZ, M. A. B e G. G. NETO. 2010. "Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica". *Acta Amazônica*, 40(3): 451-470. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/aa/v40n3/05.pdf>. [Consulta: novembro, 2017].
- CERTEAU, M. 1990. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Vozes. Petrópolis, Brasil.
- CONTRERAS, E. J. C. 2017. "Caminando los solares latinoamericanos: memorias interculturales y resistencia epistémica en territorios de esperanza". En: E. D. ALMADA e M. O. SOUZA, (orgs). *Quintais: memória, resistência e patrimônio biocultural*. pp. 3-14. EdUEMG, Universidade do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, Brasil.
- DOURADO, G. M. 2004. "Vegetação e quintais da casa brasileira". *Revista Paisagem Ambiente: ensaios*, 1(19): 83-102.
- EICHEMBERG, M. T.; AMOROZO, M. C & L. C. MOURA. 2009. "Species composition and plant use in old urban homegardens in Rio Claro, Southeast of Brazil". *Acta Botânica Brasileira*, 23(4): 1057-1075.
- GÁRCIA-JÚNIOR, A. R. 1989. *O Sul: caminho do roçado - estratégia de reprodução campesina e transformação social*. Marco Zero e EdUnB. Brasília, Brasil.
- GOMES, Â. M. S. 2009. *Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro-africana: terreiros, quilombos e quintais da Grande BH*. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Brasil. Tese de Doutorado.
- HAESBAERT, R. 1999. "Identidades Territoriais". En: Z. ROSENDHAL e R. L. CORRÊA (orgs). *Manifestações da Cultura no Espaço*. pp. 149-168. Ed. UERJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil.
- HUBERT, H. e M. MAUSS. 2003. "Esboço de uma teoria geral da magia". En. *Sociologia e Antropologia*. pp. 49-177. Cosac e Naify. São Paulo, Brasil.
- INGOLD, T. 2012. "Trazendo as coisas de volta a vida: emaranhados criativos num mundo de materiais". *Revista Horizontes Antropológicos* 1(37): 25-44.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2017. *Censo online*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ibirite/panorama>. [Consulta: junho, 2018].

- KUMAR, B. M. e P. K. R. NAIR. 2006. *Tropical homegardens: A time tested example of sustainable agroforestry*. Springer. Flórida, USA.
- LATOURE, B. 2008. *Reensamblar lo social: una introducción a la teoría del actor-red*. Manantial. Buenos Aires, Argentina.
- LATOURE, B. 2013. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Editora 34. São Paulo, Brasil.
- LOUREIRO, J. C. 2012. "Quintais de Olinda: uma leitura indiciária sobre sua gênese." *Revista Anais do Museu Paulista*, 20(1): 231-281.
- MACEDO, R. S. 2010. *Etnopesquisa Crítica e Etnopesquisa-Formação*. Liber Livro. Brasília, Brasil.
- MAUSS, M. 2003. "Ensaio sobre a dádiva". En: *Sociologia e Antropologia*. pp. 183-314. Cosac e Naify. São Paulo, Brasil.
- MEIHY, J. C. S. B e S. L. S. RIBEIRO. 2011. *Guia prático de história oral*. Contexto. São Paulo, Brasil.
- MENESES, J. N. C. 2015. "Pátio cercado por árvores de espinho e outras frutas, sem ordem e sem simetria: O quintal em vilas e arraiais de Minas Gerais (séculos XVIII e XIX)". *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 23(2): 69-92.
- NOVAIS, A. M.; NETO, G. G.; GUARIM, V. L. M. S e M. C. PASA. 2011. "Os quintais e a flora local: um estudo na comunidade Jardim Paraíso, Cáceres- MT, Brasil". *Revista Biodiversidade*, 10(1):3-12.
- OAKLEY, E. 2004. "Quintais domésticos: uma responsabilidade cultural". *Revista Agrícolas*, 1(1):37-39.
- PEREIRA, E. A. e N. P. M. GOMES. 2002. *Flor do não esquecimento: cultura popular e processos de transformação*. Autêntica. Belo Horizonte, Brasil.
- POEL, F. V. 2013. *Dicionário da religiosidade popular: cultura e religião no Brasil*. Nossa Cultura. Curitiba, Brasil.
- SANTOS, B. S. e M. P. MENESES. 2009. *Epistemologias do sul*. Almedina. Coimbra, Portugal.
- SANTOS, M. 2008. *A natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção*. Edusp, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, Brasil.
- SAHLINS, M. 2003. *Cultura e razão prática*. Zahar. Rio de Janeiro, Brasil.
- SILVA, A. C. G. F.; ROSA-ANJOS, M. C. e A. ANJOS. 2016. "Quintais produtivos: para além do acesso à alimentação, um espaço de resgate do ser". *Revista Guaju, Matinhos*, 2(1):77-101.
- SILVA, L.O. 2004. "Os quintais e a morada brasileira". *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, 11(12): 61-78.
- SILVA, Y. V. L; SILVA, G. G; GONÇALVES, C. S; SOUZA, M. O e E. D. ALMADA. 2017. "Memória e saberes nos quintais urbanos de Ibirité/MG". En: E. D. ALMADA e M. O. SOUZA, (orgs). *Quintais: memória, resistência e patrimônio biocultural*. pp. 3-14. EdUEMG, Universidade do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, Brasil.
- SIMÕES, P. M. L e C. V. OLIVEIRA. 2009. "A alteração do uso do solo no município de Ibirité e consequências associadas". *Revista Geografia*, 05(1):50-66.
- TOLEDO, V. M e N. BARRERA-BASSOLS. 2015. *A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais*. Expressão Popular. São Paulo, Brasil.

- TUBALDINI, M. A. S e E. F. RODRIGUES. 2001. As relações Rurais-Urbanas em Área Metropolitana - Sustentabilidade e Meio Ambiente - Ibitité/MG. *VIII EGAL (Encuentro de Geógrafos de América Latina)*. pp.1-9. Santiago, Chile. (17-21 de março).
- THOMPSON, E. P. 1992. *A voz do passado: história oral*. Paz e Terra. Rio de Janeiro, Brasil.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. 2002. *A inconstância da alma selvagem*. Cosac Naify. São Paulo, Brasil.
- WEITZMAN, R. 2015. “Mineiros no morro dos prazeres: trajetórias de vida marcadas pelo fluxo entre a roça e a cidade”. En: J. COMERFORD.; A. CARNEIRO e G. DAINESE (orgs). *Giros Etnográficos em Minas Gerais: casa, comida, prosa, festa, política, briga e o diabo*. pp. 205-231. Ed. 7 Letras e Faperj. Rio de Janeiro, Brasil.

Lugar y fecha de finalización del artículo:

Viçosa, Minas Gerais (MG), Brasil; noviembre, 2017

Revisión: Viçosa (MG), Brasil; junio, 2018